PROGRAMA DE SALA

CLAUDE DEBUSSY: LA MER



14 NOV 18H30
TEATRO CAMÕES
LISBOA

15 NOV 17H
C.C. OLGA CADAVAL
SINTRA

DIREÇÃO MUSICAL **JOSEPH SWENSEN**
VIOLINO **ALEXIS HATCH** e **PAULA CARNEIRO**
ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

opart
ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, EPE

TNSC
Teatro Nacional de São Carlos

2026—27

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Teatro Camões, Lisboa
14 de novembro de 2026, às 18h30

Centro Cultural Olga Cadaval, Sintra
15 de novembro de 2026, às 17h00

Apresentação do concerto de 14 de novembro
por Filipe Gaspar

CLAUDE DEBUSSY: LA MER

Claude Debussy (1862-1918)

Prélude à L'après-midi d'un faune

Johann Sebastian Bach (1685-1750)

Concerto para dois violinos em ré menor, BWV 1043
I. Vivace
II. Largo, ma non tanto
III. Allegro

INTERVALO

Maurice Ravel (1875-1937)
Pavane pour une infante défunte, M. 19

Claude Debussy (1862-1918)
La mer
1. De l'aube à midi sur la mer
2. Jeux de vagues
3. Dialogue du vent et de la mer

Direção musical **Joseph Swensen**
Violino **Alexis Hatch e Paula Carneiro**
Orquestra Sinfónica Portuguesa

Duração aproximada: 80 minutos

(DEVIDO A UMA ALTERAÇÃO DE ÚLTIMA HORA NÃO FOI POSSÍVEL ATUALIZAR AS NOTAS AO PROGRAMA DESTE CONCERTO)

Claude Debussy e Maurice Ravel são dois expoentes da história da música frequentemente associados ao Impressionismo. Ambos rejeitaram esse rótulo e, na verdade, beberam de fontes de inspiração tão diversas quanto o Oriente, o jazz, a arte e a literatura simbolistas e o passado da música europeia, entre tantas outras. Contemporâneo de Ravel, Luís de Freitas Branco herdou esse Modernismo, mas seguiu também o caminho do Neoclassicismo. Certo é que os três, cada um à sua maneira, transformaram a escrita orquestral no virar do século.

Prélude à L'après-midi d'un faune é uma obra fundadora do Modernismo francês. Composto entre 1892 e 1894, mostra-nos como Debussy se libertou do princípio da forma, que prevalecera no Romantismo, ao criar uma nova linguagem baseada na cor, na sugestão e na fluidez musicais. A sua inspiração foi *L'après-midi d'un faune* (1876), o poema simbolista de Stéphane Mallarmé (1842-1898).

Mais do que representar palavras, o compositor esboçou uma ilustração livre das pulsões do fauno que desperta num bosque soalheiro, assolado por memórias fugidias de um encontro com ninfas. Mallarmé diria que «esta música prolonga a emoção do meu poema e define a sua cena mais vividamente do que a cor». De facto, à semelhança do uso que o poeta faz das palavras, a música de *Prélude* usa os sons como símbolos, não como retratos. Oiça-se o inusitado solo de flauta no início da peça, que trouxe –

– parafraseando Pierre Boulez – «um novo fôlego à música ocidental». Não se trata de uma melodia tradicional, mas antes de um gesto de direção incerta, na liberdade com que ora ascende, ora descende. Este gesto regressará ao longo da obra, numa sucessão de atmosferas tímbricas diversas, sem nunca se sujeitar às amarras do desenvolvimento temático: a existir um foco, este encontra-se na modorra do sol vespertino, em imagens difusas da perseguição das ninfas, no prazer pulsátil aludido pelo clímax, não obstante subtil e delicado.

Dir-se-á que o perfil neoclássico do *Concerto para violino e orquestra* (1916) de Luís de Freitas Branco configura um anacronismo estilístico. Desde logo, foi composto numa fase da carreira muito influenciada pelo modelo do poema sinfónico impressionista-simbolista, evidente em *Paraísos Artificiais* (1910) e *Vathek* (1913). Porventura, esta aparente contradição reflete a apreensão do compositor com o conturbado momento histórico que então se vivia em Portugal: a agitação dos primeiros anos da República; a entrada do país na I Guerra Mundial; e a formação do Governo da «União Sagrada». A estreia tardia, em 1940, sublinha o caráter de uma obra "fora do seu tempo". É, contudo, na sua proximidade formal a Beethoven e no uso da técnica cíclica de César Franck que o seu Neoclassicismo se concretiza musicalmente.

De facto, os três andamentos seguem a estrutura do concerto clássico, com um rondó no último andamento. Não se trata de seguir servilmente o modelo beethoveniano: Freitas Branco afirma a dominância do último andamento ao estendê-lo com recurso à técnica cíclica – os temas têm raízes comuns e reaparecem ao longo dos andamentos, transformados –, que confere unidade a toda obra. Cabe ao violino solo a missão de revelar e reinventar cada regresso. Exemplo deste

caráter cíclico é o tema inicial (introduzido nos contrabaixos, violoncelos e fagotes), que reaparece, amplamente desenvolvido, no segundo andamento (primeiros violinos com harpa) e no último (depois da cadência do solista). Outra marca é o refúgio na modalidade, ou seja, o uso de escalas antigas da tradição gregoriana, que afastam Freitas Branco do atonalismo da II Escola de Viena e o aproximam de correntes estilísticas dominantes em França.

Pavane pour une infante défunte de Maurice Ravel tem, com o *Prélude* de Debussy, paralelismos e diferenças. O timbre desempenha um papel central nas duas obras, que se distinguem, sim, no plano da forma: Ravel é mais nítido na estrutura, sem descurar a transparência orquestral que, ainda assim, perpassa ambas as peças. *Pavane* foi, aliás, composta originalmente para piano solo, em 1899, ainda nos tempos de Conservatório do compositor que, só passados onze anos, a adaptaria para orquestra.

Segundo Ravel, o título não é mais do que uma aliteração, mesmo que a música pretenda evocar o andamento solene da pavana, enquanto dança renascentista. Fê-lo, desde logo, recriando o som do alaúde, nos *pizzicati* que acompanham a melodia inicial na trompa. Embora, como se disse, a estrutura desta obra seja mais evidente, a proximidade a Debussy é audível na pureza da paleta de cores instrumentais usada por Ravel: inclui duas flautas, oboés, dois clarinetes, dois fagotes, duas trompas, harpa e cordas.

Em *La mer*, Claude Debussy amplia a lógica de *Prélude*, criando um tríptico sinfónico não literalmente programático. O subtítulo – «Trois esquisses symphoniques» – indicia precisamente um caráter

sugestivo. Composta entre 1903 e 1905, na região interior da Borgonha, a obra nasceu daquilo que o compositor descrevia como o seu «armazém inesgotável de memórias [do mar]». Os três andamentos esboçam séries de impressões através de timbres e texturas que se sobrepõem à melodia ou ao ritmo. As linhas melódicas não são plenamente gizadas; cada tema é, na verdade, um fragmento. O timbre de um instrumento individual é tão importante quanto o do coletivo de um naipe. As harmonias não são direcionais, mas sim estáticas, devendo ser apreciadas por si mesmas, como pinturas.

Em «De l'aube à midi sur la mer», o despertar da orquestra faz-se por sons graves, evoluindo gradualmente até à plenitude do "meio-dia", ainda que raramente em *fortíssimo*. A inspirada combinação da trompa em surdina com o corne inglês exemplifica a opção por melodias fragmentárias. O andamento resulta, assim, num mosaico de motivos e texturas orquestrais, em variação contínua análoga precisamente ao mar. «Jeux de vagues» tem também um caráter visual, em particular na rapidez das figuras que sugerem os salpicos das ondas. Não obstante, o discurso orquestral retém uma vagueza onírica, na contínua evocação de sons e visões misteriosas: o mar de Debussy é, antes de mais, uma «fantasmagoria evanescente». Em «Dialogue du vent et de la mer», o diálogo entre o vento e o mar é recriado musicalmente através de ideias que se interrompem mutuamente, ecoando a imprevisibilidade dos elementos naturais. Recuperam-se materiais do primeiro andamento, a que se vão juntando novos fragmentos. Debussy atinge, agora, uma intensidade próxima da tempestade, permitindo-se usar o potencial máximo da orquestra, com metais e percussão em evidência, dando origem ao momento de maior concretização sonora de *La mer*.

Eis, em suma, quatro obras reveladoras de diferentes facetas dos seus autores. Ao mesmo tempo, cada uma expressa alguns dos principais caminhos que a música orquestral tomou nos inícios do século XX: Debussy abriu o caminho da sugestão; Ravel refinou-o; Freitas Branco reinterpretou-o à luz do Neoclassicismo; Debussy fechou o programa com a sua maior «tela» sinfónica.

FILIPE GASPAR
Musicólogo



CLAUDE DEBUSSY

(1862-1918)

JOHANN SEBASTIAN BACH

(1685-1750)



MAURICE RAVEL

(1875-1937)



© DR

JOSEPH SWENSEN

Direção musical

Maestro e compositor, Joseph Swensen é, desde 2024, diretor musical da Orquestra Nacional de Bordéus Aquitânia (ONBA), com a qual tem apresentado um vasto repertório, que vai desde compositores do Romantismo, como Mahler, Bruckner e Sibelius, a música mais contemporânea. O seu trabalho com a ONBA já foi, por diversas vezes, registado ao vivo e editado pela Alpha Classics, onde se incluem *O anel do Nibelungo* de Mahler, *Quadros de uma exposição* de Mussorgski e Ravel e a *Nona Sinfonia* de Beethoven. Sob a sua batuta, já colaborou com orquestras e companhias como a Orquestra Sinfónica de Londres, a Filarmónica de Los Angeles, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Ópera Real da Dinamarca e a Ópera Nacional do Reino Unido. Foi maestro principal da Orquestra de Câmara Escocesa (1996-2005), diretor musical da Ópera de Malmö (2005-2011) e diretor artístico da Orquestra NFM Leopoldinum de Breslávia (Polónia), entre 2017 e 2023. Paralelamente à sua carreira como maestro, Joseph Swensen também compõe. O seu trabalho mais recente, *Hafiz*, é uma sinfonia em grande escala, inspirada na poesia mística Sufi. Estudou na The Julliard School, dos 7 aos 22 anos, piano, violino, composição e direção de orquestra.



© DR

ALEXIS HATCH

Violino

Nascida em Los Angeles, Califórnia, Alexis Hatch tem uma carreira musical diversificada que abrange apresentações a solo, música de câmara e orquestra. Com dupla nacionalidade, dos Estados Unidos e de Espanha, começou a tocar violino aos três anos de idade, com o seu pai Peter Hatch (discípulo de Ivan Galamia e Tibor Varga). Ao ganhar o primeiro prémio no Concurso Internacional de Violino CullerArts, em 2022, Alexis atuou como solista com a Orquestra de Valência, a Orquestra de Extremadura, a Orquestra Filarmónica de Castilla La Mancha e, mais recentemente, a Orquestra de Santa Cecília no Auditório Nacional de Madrid. Em 2023, foi convidada a realizar um recital de estreia no Palau de la Música de Barcelona. Desde novembro de 2023, Alexis é concertino da Orquestra Sinfónica Portuguesa.



© DR

PAULA CARNEIRO

Violino

Natural do Porto, iniciou os seus estudos aos 7 anos de idade. Participou no estágio APROARTE, em 2004, como concertino e, em 2009 e 2010 no estágio ibero-americano e bicentenário como assistente de concertino, em ambas, com o maestro Gustavo Dudamel. Nas edições de 2006 e 2008, ganhou o 2.º prémio no concurso Prémio Jovens Músicos. Tocou a solo com a Orquestra Filarmonia das Beiras, Orquestra Metropolitana de Lisboa e Orquestra Sinfónica Portuguesa. Atualmente, faz parte do prestigiado Ensemble Darcos. Na temporada 2015/2016, foi convidada para assumir o lugar de 2.º concertino assistente da Orquestra Gulbenkian. Atualmente, é chefe de naipe dos 2.ºs violinos da Orquestra Sinfónica Portuguesa.



© BRUNO SIMÃO

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.os 1, 3, 5* e *6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

FICHA TÉCNICA

© BRUNO SIMÃO

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

MAESTRO TITULAR
Antonio Pirolli

FLAUTAS
Inês Pinto
Leonardo Coelho*
Rui Matos

OBOÉS
Luis Perez
Elizabeth Kicks
Luís Marques

CLARINETES
Francisco Ribeiro
Cândida Oliveira

FAGOTES
David Harrison
Joana Maia
Rui Oliveira*
Roberto Erculiani

TROMPAS
DEBUSSY E RAVEL
Laurent Rossi
Carlos Rosado
Luís Vieira
Augusto Rodrigues

TROMPETES
Jorge Almeida
Pedro Monteiro
António Quítalo
Latchezar Goulev
Pedro Gonçalves*

TROMBONES
Jarrett Butler
Vítor Faria
Joaquim Rocha

TUBA
Ilídio Massacote

TÍMPANOS
André Castro

PERCUSSÃO
Elizabeth Davis
Pedro Silva
Lídio Correia

HARPA
Carmen Cardeal
Ana Castanhito*

CELESTA
Nuno Lopes

I VIOLINOS
Alexis Hatch
Leonid Bykov
Ewa Michalska
Miguel Ferreira
António Figueiredo
Félix Duarte
Alexander Mladenov
Nicholas Cooke
Margareta Sandros
Artur Mouradian*
Anabela Guerreiro
Margarida Queirós*

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

II VIOLINOS
Paula Carneiro
Rui Guerreiro
Maria Bykova
Sara Cymbron
Inna Calori
Carmélia Silva
Slawomir Sadlowski
Flávia Marques
Tomás Costa
Katarina Majewska

VIOLAS
Ceciliu Isfan
Cecile Pays
Irma Skenderi
Ventzislav Grigorov
Vladimir Demirev
Maria Inês Monteiro
Sandra Moura
Sara Farinha*

VIOLONCELOS
Alexandre Alvarez
Ajda Zupancic
Luís Clode
Bárbara Duarte*
Diana Savova
João Matos

CONTRABAIXOS
Duncan Fox
Pedro Bettencourt
João Diogo
Rafael Aguiar
José Mira

*Reforços

Conselho de Administração do OPART, E.P.E.
Conceição Amaral *Presidente*
Sofia Meneses *Vogal*

Direção Artística
Pedro Amaral

Bilheteira São Carlos na Boa Hora
Largo da Boa Hora, n.º 12
1200-289 Lisboa
+351 935 590 196
+351 213 253 045/6
reserva.bilhetes@saocarlos.pt

Bilheteira online (BOL)
Pode adquirir os seus bilhetes online em https://tnsc.bol.pt

www.saocarlos.pt

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

opart
ORGANISMO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA, EPE

TNSC
Teatro Nacional de São Carlos

idealista

ANTENA 2

HORTO DO CAMPO GRANDE